



SEÇÃO: ENSAIOS

Reflexões filosóficas e literárias sobre a pandemia na *Carta ao Coronavírus* (22 de março de 2020) do timorense Dadolin Murak

Philosophical and literary reflections on the pandemic in Carta ao Coronavírus (March 22, 2020) by Timorese Dadolin Murak

Reflexiones filosóficas y literarias sobre la pandemia en la Carta al Coronavirus (22 de marzo de 2020) del timorense Dadolin Murak

Denise Rocha¹

orcid.org/0000-0003-3906-2957

rocha.denise57@gmail.com

Recebido em: 10 set. 2022.

Aprovado em: 1 nov. 2022.

Publicado em: 27 abr. 2023.

Resumo: O objetivo do estudo “Reflexões filosóficas e literárias sobre a pandemia na *Carta ao Coronavírus* (22 de março de 2020) do timorense Dadolin Murak” é apresentar, de um lado, o contexto sociopolítico da eclosão da pandemia do COVID-19, as medidas de emergência decretadas pelas autoridades internacionais e timorenses, bem como a negação da pandemia por Giorgio Agamben e a crítica contrária de Yara Frateschi; e, de outro, analisar o texto literário, segundo as reflexões sobre o esgotamento (Pelbart) e a melancolia (Agamben), e as facetas do individualismo e as da solidariedade. Além disso, será objeto de consideração o papel do intelectual engajado (Sartre), ativista ou escritor, que se posiciona diante de distintas questões sociais. Murak desmente a falácia de Agamben sobre a invenção da pandemia.

Palavras-chave: literatura timorense; Dadolin Murak; melancolia; individualismo; solidariedade.

Abstract: The objective of the study “Philosophical and literary reflections on the pandemic in *Carta ao Coronavírus* (March 22, 2020) by Timorese Dadolin Murak” is to present, on one side, the socio-political context of the outbreak of the COVID-19 pandemic, the emergency measures enacted by the international and Timorese authorities, as well as the denial of the pandemic by Giorgio Agamben and the opposite criticism by Yara Frateschi; and, on the other, to analyze the literary text, according to the reflections on exhaustion (Pelbart) and melancholy (Agamben), and the facets of individualism and those of solidarity. In addition, the role of the intellectual (Sartre), activist or writer, who takes a stand on different social issues, will be considered. Murak denies Agamben’s fallacy about the invention of the pandemic.

Keywords: timorese literature; Dadolin Murak; melancholy; individualism; solidarity.

Resumen: El objetivo del estudio “Reflexiones filosóficas y literarias sobre la pandemia en la *Carta al Coronavirus* (22 de marzo de 2020) del timorense Dadolin Murak” es presentar, por un lado, el contexto sociopolítico del estallido de la pandemia del COVID-19, las medidas de emergencia decretadas por las autoridades internacionales y timorenses, así como la negación de la pandemia por parte de Giorgio Agamben y la crítica contraria de Yara Frateschi; y, por otro lado, analizar el texto literario, a partir de reflexiones sobre el agotamiento (Pelbart) y la melancolía (Agamben), y las facetas del individualismo y la solidaridad. Además, se considerará el papel del intelectual comprometido (Sartre), activista o escritor, que se posiciona sobre diferentes temas sociales. Murak niega la falacia de Agamben sobre la invención de la pandemia.

Palabras clave: literatura timorense; Dadolin Murak; melancolia; individualismo; solidaridad.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil.

Introdução

No dia 22 de março de 2020, o ativista político, poeta e escritor de contos, Dadolin Murak, residente em Dili, capital do Timor-Leste, reagiu às notícias sobre quatro casos de COVID-19 em sua pátria, escrevendo a *Carta ao Coronavírus*. Trata-se de uma missiva literária, em tom confessional, sobre as impressões do timorense acerca das consequências da disseminação da enfermidade pulmonar em nível nacional e internacional.² Na mesma, Murak evoca, de um lado, o espírito do tempo capitalista, do ano de 2020, que sofreu uma ruptura radical, com a inesperada eclosão de uma doença letal, que causou surpresa, esgotamento e melancolia; e, de outro, ele tece ácidas críticas à cultura ocidental, baseada no progresso industrial e tecnológico, que provocou o colapso das reservas naturais e a poluição do ar e do meio ambiente, bem como a consolidação do individualismo.

Em relação à escrita, que mescla elementos do mundo real e mítico insular, e indica momentos de perdas na natureza e na vida cotidiana de seres humanos, é possível estabelecer um diálogo com a psicanalista, Urania T. Peres, que na obra *Depressão e Melancolia*, menciona:

Se somos herdeiros de uma perda, se a falta é o elemento central que impulsiona a nossa entrada no universo simbólico (pois a palavra é sempre representante de uma ausência) não é de se estranhar a incessante procura desse elo significante, que se materializa, muitas vezes, na criação artística, em encontrar a nota azul, captar a imagem inexistente e a palavra do indizível (PERES, 2006, p. 10).

A autora enfatiza que cabe ao artista criar uma linguagem obstinada, como um tipo de tentativa de encontrar um abrigo para seu corpo exausto em uma vida esgotada.

Diante do impacto da chegada do COVID-19 no Timor-Leste, que causou medo e esgotamento físico e mental, o escritor Dadolin Murak inicia sua carta esclarecendo seu objetivo socioliterário:

Olá Coronavírus, vejo que estás a trabalhar arduamente em Wuhan, na Itália e na Indonésia e que agora chegaste à minha amada terra, Timor-Leste. Esta não é uma carta amigável. Tu és como as nuvens negras de tempestade que os impedem de ver a lua. Tu és como essas marés selvagens que nos impedem de alcançar a segurança de uma praia e que ameaçam lançar-nos nos abismos das profundezas. Escrevo-te com angústia e raiva, tristeza e lágrimas (MURAK, 2020, p. 5-6).

O objetivo do estudo "Reflexões filosóficas e literárias sobre a pandemia na *Carta ao Coronavírus* (22 de março de 2020) do timorense Dadolin Murak" é apresentar duas abordagens: a primeira, a do panorama social e político do início da pandemia do COVID-19, as medidas de emergência decretadas pelas autoridades internacionais e timorenses e a negação da pandemia por Giorgio Agamben e a crítica contrária de Yara Frateschi; e, a segunda, a da análise do texto literário, segundo as reflexões sobre o esgotamento (Pelbart) e a melancolia (Agamben), e as facetas do individualismo e da solidariedade. Além disso, será objeto de reflexão o papel do intelectual engajado (Sartre), ativista e escritor, que se posiciona diante de distintas questões sociais. Murak desmente a falácia de Agamben sobre a invenção da pandemia.

1 Crises na sociedade capitalista (esgotamento e melancolia) e o surto do coronavírus (2020)

Ao traçar o panorama da contemporaneidade, Peter P. Pelbart (1956), na obra *O avesso do nihilismo: cartografias do esgotamento* (2013), acentua que todas as estratégias do aumento da exaustão humana são encarnadas pelo corpo, o qual também revela ser um espaço da subjetividade:

[...] o que é que o corpo não aguenta mais? Ele não aguenta mais tudo aquilo que o coage, por fora e por dentro. Por exemplo, o adestramento civilizatório que por milênios abateu-se sobre ele, como Nietzsche o mostrou exemplarmente em Para a genealogia da moral, ou Norbert Elias, ao descrever de que modo o que chamamos de civilização é resultado

² A pandemia de COVID-19 é uma "doença respiratória aguda causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda 2 (SARS-CoV-2). A doença foi identificada pela primeira vez em Wuhan, na província de Hubei, República Popular da China, em 1 de dezembro de 2019, mas o primeiro caso foi reportado em 31 de dezembro do mesmo ano. Acredita-se que o vírus tenha uma origem zoonótica, porque os primeiros casos confirmados tinham principalmente ligações ao Mercado Atacadista de Frutos do Mar de Huanan, que também vendia animais vivos" (PANDEMIA..., 2020, p. 1).

de um progressivo silenciamento do corpo, de seus ruídos, impulsos, movimentos. Mas também, a docilização que lhes foi imposta pelas disciplinas, nas fábricas, nas escolas, no exército, nas prisões, hospitais, pela máquina panóptica... (PELBART, 2016, p. 31).

Pelbart enfatiza a massificação social, descrita como "adestramento civilizatório" (Nietzsche) e "silenciamento do corpo" e "docilização" e acrescenta que: "o corpo não aguenta mais é a mutilação biopolítica, a intervenção biotecnológica, a modulação estética, a digitalização bioinformática, o entorpecimento", bem como "a mortificação sobrevivencialista, seja no estado de exceção, seja na banalidade cotidiana" (PELBART, 2016, p. 31). Portanto, à sociedade contemporânea, imersa em várias tecnologias, na competição capitalista e no comportamento narcisista, interessa a docilização humana e a mutilação silenciosa. Em tal panorama ocorre o esgotamento, caracterizado pela aderência do ser humano à paralização e à inanição, que o desata do mundo (PELBART, 2016, p. 50).

Fato é que o surgimento inesperado de uma enfermidade pulmonar (2020), de dimensão internacional, que provocou confinamento e angústia, bem como muitos casos letais, causou certa paralisia na mente e no corpo das pessoas aflitas diante da eclosão da COVID-19, para a qual não tinha vacina na época. O pânico foi causado também por causa das incertezas iniciais veiculadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em relação a contágio, a medidas sanitárias e a imunizações. A imprensa alarmista delineou também um estado de niilismo global e causou profundo desassossego e melancolia.

Na obra *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*, o filósofo italiano Giorgio Agamben (1942) faz reflexões sobre a questão da melancolia imortalizada na gravura homônima de Albrecht Dürer (1471-1528). Ele compreende que o Anjo encarna: "o emblema da tentativa do homem, no limite de um risco psíquico essencial, de dar corpo aos próprios fantasmas e de tornar predominante, em uma prática artística, aquilo que, do contrário, não poderia ser captado nem conhecido". (AGAMBEN, 2007, p. 55). Agamben

indica a temática do corpo em uma prática artística. Ou seja, corpo representado, que reflete o vínculo do corpo do autor no corpo de sua obra.

Na paisagem sociocultural da sociedade capitalista impera a massificação social, descrita como "adestramento civilizatório" (Nietzsche); proporcionado pelo "silenciamento do corpo" e "docilização" (Elias); e pela "mutilação silenciosa", "esgotamento", "paralização" e "inanição" (Pelbart).

Em tal situação de pretensa letargia e colapso eclodiu, no mês de novembro de 2020, em Wuhan, na China, uma enfermidade viral que se espalhou por todos os continentes com virulência letal, o COVID-19, e que se refletiu na escrita de Dadolin Murak, o qual se expressou sobre o corpo atingido na esfera física, psicológica e espiritual.

1.1 Agamben e as escritas sobre a "invenção da pandemia" (fevereiro a abril de 2020)

Giorgio Agamben escreveu *Lo stato d'eccezione provocato da un'emergenza immotivata*, publicado em *Il Manifesto* no dia 26 de fevereiro de 2020, no qual afirmou que a notícia sobre a eclosão de uma pandemia seria "uma invenção". Com base nos relatórios do Consiglio Nazionale delle Ricerche, que informaram que somente 4% dos pacientes teriam necessidade de hospitalização, enquanto a maioria da população teria sintomas leves como os de uma gripe, Agamben afirmou que as medidas sanitárias emergenciais adotadas pelas autoridades italianas seriam "frenéticas, irracionais e totalmente imotivadas" (AGAMBEN, 2020 apud FRATESCHI, 2020, p. 1).

Em seis artigos, escritos entre 26 de fevereiro e 13 de abril de 2020, e publicados na obra *Reflexões sobre a peste: ensaios em tempos de pandemia*, Agamben elaborou um paralelo entre as medidas emergenciais tomadas por causa da pandemia: o distanciamento social e as formas totalitárias do governo. O filósofo chamou a atenção para a "crescente tendência de usar o estado de exceção como paradigma normal de governo" e, com isso, constata-se "uma sociedade que sacrificou a liberdade pelas assim chamadas 'razões de segurança' e, por isso, está condenada a viver em

um perene estado de medo e de insegurança” (AGAMBEN, 2020 apud FRATESCHI, 2020, p. 1)

A brasileira Yara Frateschi, no artigo, *Agamben sendo Agamben: o filósofo e a invenção da pandemia*, faz ácidas críticas à análise do pensador italiano:

O diagnóstico de Agamben a respeito da covid-19 antecede a análise dos fenômenos, o que faz parecer que ele está mais comprometido com a sua própria filosofia do que com o mundo que ela quer explicar. O resultado é uma análise que chega às raízes do rompimento com a verdade factual e que não tem sensibilidade para os impactos da pandemia nas camadas mais vulneráveis da população (FRATESCHI, 2020, p. 1).

Frateschi questiona radicalmente o posicionamento de Agamben, o qual se baseou em dados oficiais do Consiglio Nazionale delle Ricerche, a respeito do alcance da doença (4%), a fim de elaborar suas críticas à suposta manipulação do governo da Itália para controle da população:

Não havendo justificativa epidemiológica, qual seria, então, a verdadeira intenção das autoridades governamentais italianas com a imposição de medidas de contenção ao espalhamento da suposta pandemia, tais como proibição de afastamento do município da residência, a proibição de manifestações e reuniões em locais públicos e a suspensão das atividades educacionais presenciais? Em outras palavras, por que as autoridades italianas resolveram inventar uma pandemia? (FRATESCHI, 2020, p. 1).

Provavelmente, somente baseada nas declarações da Organização Mundial da Saúde, que emitiu opiniões generalistas a respeito da urgência de confinamento, Yara Frateschi dispara contra as argumentações de Agamben, o qual segundo ela:

[...] não tergiversa, pois tem a resposta na ponta da língua e há muito tempo: a restrição das liberdades é imprescindível para que as autoridades governamentais sejam capazes de manter o estado de exceção “como paradigma normal de governo”. O argumento é o seguinte: na medida em que o terrorismo tende a se es-

gotar como pretexto para a adoção de medidas de exceção, trata-se, agora, de encontrar um substituto e, para isso, a pandemia cai como uma luva. A estratégia governamental guarda semelhanças com aquela da guerra ao terrorismo: o governo inventa uma epidemia para instaurar o “estado de pânico coletivo” e os indivíduos, clamando por segurança, tendem a aceitar as restrições que o governo impõe à sua liberdade. Agamben detecta aí um “perverso círculo vicioso” no qual, induzidos pelo governo, os indivíduos trocam de bom grado a liberdade pela segurança e, assim, fomentam o estado de exceção que os controla pelo medo (FRATESCHI, 2020, p. 1).

O negacionismo de Agamben é criticado não somente pela brasileira Yara Frateschi, mas também pelo timorense Dadolin Murak.

Diante de duas reflexões opostas sobre o controle da população por causa do COVID-19, a do italiano Agamben e a da brasileira Frateschi, vale ressaltar qual seria o papel de ativistas e pensadores sobre momentos de crise política e social?

2 O intelectual engajado (Sartre)

O francês Jean-Paul Sartre (1905-1980) defende, na obra *Que é literatura?* (1947), o papel do intelectual não neutro, o de crítico diante da realidade histórica e social: “[...] a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele” (SARTRE, 1993, p. 21). Ele deve ter um comprometimento com as questões sociais; expressar críticas diante da realidade histórica e social, entre outros aspectos.

Na categoria elaborada por Sartre podem ser colocados dois timorenses, envolvidos em ações e reflexões sobre o impacto do coronavírus em seu país: a jornalista Zevonia Vieira, presidente da Associação de Jornalistas de Timor-Leste, e o escritor Dadolin Murak, que pertence à nova geração de escritores do país insular que foi colonizado por Portugal (1596-1975) e neocolonizado pela Indonésia (1975-1999), tornando-se, de fato, independente somente em 2002.³

³ A história colonial do Timor-Português teve várias fases: a chegada dos lusos (1512); a revolta contra eles, liderada pelos *liurais* (reis) de Manufahi (1895 e 1911-1912); a ocupação por tropas da Austrália, Holanda e Japão (1942-1945); a queda da ditadura em Portugal (25 de abril de 1974); a proclamação da independência pela FRETILIN (Frente Revolucionária Timor-Leste), (28 de novembro de 1975) e a renomeação do país para Timor-Leste. A anexação do Timor-Leste iniciou-se com a invasão por tropas militares (7 de dezembro de 1975) com o apoio dos Estados Unidos da América; e foi consolidada como 27. província (Declaração de Balibó), (17 de julho de 1976); o banimento

Figura 1 – A jornalista Zevonia Vieira (12 de abril de 2020)



Fonte: Imagem extraída de "Jornalista..." (2020).⁴

A agência ONU Mulheres destacou a importância de Zevonia para manter a população informada sobre a melhor maneira de se proteger da doença. A jornalista explica "como convenceu

o governo a apoiar a criação de um centro de imprensa com os devidos cuidados de distanciamento social para manter a sociedade informada" (JORNALISTA..., 2020, p. 1).

Figura 2 – Timorenses aguardam resultados de testes de COVID-19



Fonte: Extraído do site *Saúde Mais* (14 de abril de 2020).⁵

da língua portuguesa e a introdução do bahasa como língua oficial. A ditadura indonésia no Timor-Leste ocorreu durante a presidência do General Hady Mohmed Suharto (1967-1998), de Jusuf Habibie (1998-1999) e Abdurahman Wahid (1999-2001). Os seguintes fatos com repercussão internacional ocorreram durante a ocupação estrangeira: a visita do Papa João Paulo II no dia 2 de outubro de 1989, a indicação ao Prêmio Nobel da Paz dos timorenses -bispo Carlos Ximenes Bello e José Ramos-Horta (1996) e a realização do Referendo pela livre determinação, organizado pela ONU, em agosto de 1999. O resultado positivo ocasionou a chegada de um grande contingente externo de tropas da Indonésia que culminou na morte de cerca de 2000 pessoas. O representante da ONU, o brasileiro Sérgio Vieira de Mello, governou o país até maio de 2002, quando foi formalizada a independência do Timor Leste. Xanana Gusmão foi eleito o primeiro presidente do Timor Leste (14 de abril de 2002), e tomou posse no dia 20 de maio e governou até maio de 2007.

⁴ Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/04/1710082>. Acesso em: 1 jun. 2022.

⁵ Disponível em: <https://www.saudemais.tv/noticia/13409-covid-19-timor-leste-com-cerca-de-700-testes-ainda-disponiveis-mais-a-caminho>. Acesso em: 12 jun. 2022.

3 Carta ao Coronavírus (22 de março de 2020), de Dadolin Murak

Figura 3 – O escritor Dadolin Murak

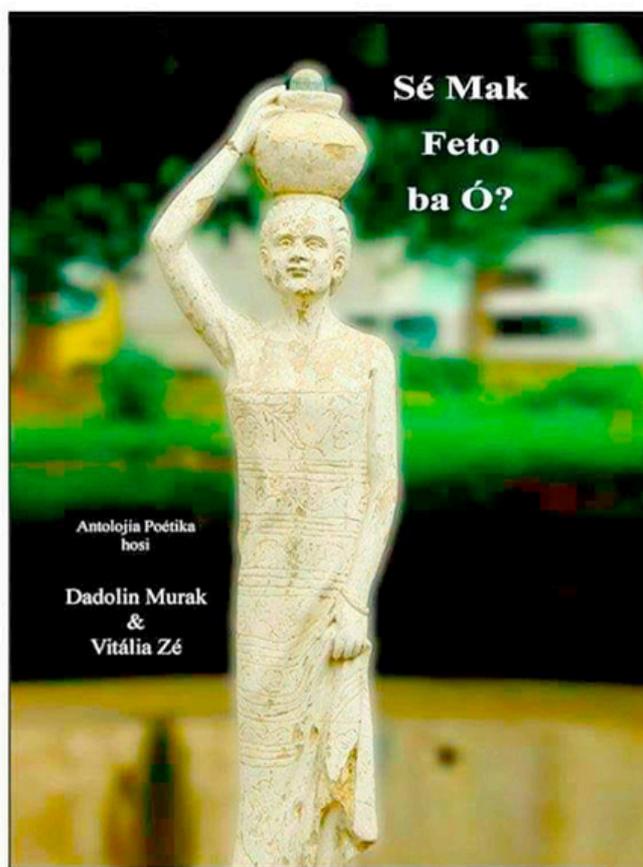


Fonte: Extraído do perfil de *Dadolin Murak* no Medium.⁶

O escritor Dadolin Murak, pseudônimo de um timorense anônimo, nasceu e foi criado nos anos da anexação indonésia de seu país (1975-1999). Ele perdeu amigos e familiares durante a ditadura da Indonésia no Timor-Leste e atuou, como universitário, no movimento clandestino estudantil contra a ocupação estrangeira. Em Jacarta, na década de 1990, ele militou no grupo de estudantes clandestinos, constituído por timorenses

e indonésios, unidos contra o regime da Ordem Nova do general Suharto. Escreveu textos críticos a esse regime: *General!* (2017), um poema solidário com as vítimas da tragédia de 1965 na Indonésia; *Um maio sangrento* (2019), uma denúncia poética sobre maio de 1998, no qual ocorreram estupros contra mulheres indonésias de origem chinesa (violência étnica), entre outros.

Figura 4 – *Se Mak Feto Ba O?* (*Quem é essa mulher para vós?*), 2019 em colaboração com Vitalia Zé



Fonte: Extraído do site *Triplov*.⁷

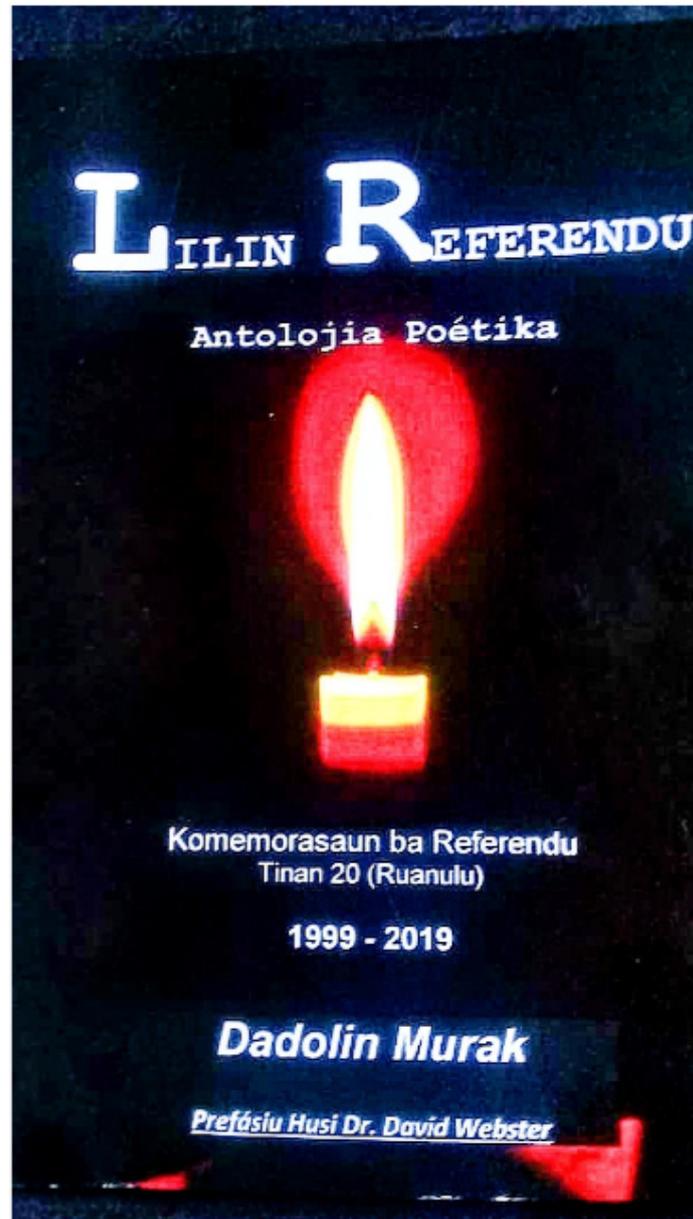
⁶ Disponível em: <https://medium.com/@dadolinmurak>. Acesso em: 1 jun. 2022.

⁷ Disponível em: <https://triplov.com/carta-ao-coronavirus-do-poeta-timorense-dadolin-murak>. Acesso em: 1 jun. 2022.

O escritor publicou duas antologias poéticas em tétum – *Sé Mak Feto Ba O? (Quem é essa mulher para vós?)*, no ano de 2019, e *Lilin Referendum*

(*Vela do Referendo*) com prefácio de David Webster (2019) –, além de muitos contos, como *Voto com betel e areca*.

Figura 5 – *Lilin Referendum (Vela do Referendo)*



Fonte: Extraído do site *Tatoli*.⁸

Essa antologia foi publicada para celebrar o 20º aniversário do Referendo de 1999, no qual a grande maioria dos timorenses votou para recuperar a independência do país, que fora ocupado desde 1975 pela Indonésia. No prefácio, *Vela do referendo*, David Webster escreveu:

[...] podemos ver emergir grande literatura. Está fundamentado no solo e nas histórias de Timor-Leste, mas também fala de temas globais de direitos humanos, meio ambiente, crianças, amor, silêncio, almas. [...]

Em palavras sugestivas, *Lilin Referendum* relembra os desastres dos direitos humanos do passado, quando as bombas caíram como chuva nas aldeias, lançadas por aviões fabri-

⁸ Disponível em: <http://www.tatoli.tl/2019/09/19/lilin-resitir-e-vencer-lakan-nafatin>. Acesso em: 1 jun. 2022.

cados no Ocidente (Knua Motuk). Ele celebra o momento de restauração da independência, lembrando o famoso poema "Momento do Silêncio" de Borja da Costa (Tasi-Tolu, 20 de maio de 2002). Ao mesmo tempo, também lamenta a incapacidade do presente de reparar os mortos martirizados dos anos de ocupação: "*Desculpas/ falhamos em reunir seus ossos/ falhamos em acompanhar suas almas/ porque nossa voz está muito abafada...*" [...] (WEBSTER, 2019 apud MURAK, 1999, p. 1, grifo do autor).

O nome Dadolin Murak significa, em tétum, versos dourados e poemas de ouro. Na cultura timorense, os dadolin são poemas declamados em cerimônias: "odes propiciatórias de consagração assim como narrativas épicas que depois de fixadas pelos "senhores das palavras", os liunain, são ritualmente recitadas" (RUAS, 2020, p. 2).

Figura 6 – Liunain ou Lia Nain (Sacerdote, senhor das palavras e contador de estórias)



vilanovA|Sequeira

Fonte: Extraído de *Pinterest*.⁹

⁹ <https://i.pinimg.com/originals/0b/b5/3d/0bb53d4861b7f4d880ac6402d6b63f75.jpg>. Acesso em: 1 jun. 2022.

Em relação ao inominado escritor timorense, conhecido pelo pseudônimo Dadolin Murak, a portuguesa Joana Ruas (1945), jornalista, escritora e tradutora, esclarece:

[...] Através do anonimato, enquanto poeta, convoca a esfera do sagrado e do atemporal, sagrado que não tem a ver com a religião mas com o sagrado do homem, o sagrado da desordem do espírito dos criadores conservando assim aquele grau de mediação que caracteriza o estatuto do "lianain". A sua postura, que afirma também influenciada pelo poeta português Fernando Pessoa, concilia na sua poesia a fonte primeva de ligação às raízes da sua cultura enquanto o tétum-praça manifesta a sua pertença a uma estirpe de revolucionários com o pé em vários mundos e que através das palavras tocam os ilimitados horizontes da linguagem literária (RUAS, 2020, p. 3).

O autor timorense, diante do pânico social frente à pandemia, escreve um tipo de poema épico (dadolin), em estilo narrativo, no qual indaga o COVID-19 sobre o motivo de sua disseminação pelo mundo capitalista, causando esgotamento e melancolia.

Com a apresentação, em sua missiva literária, da paisagem física e social humana desgastada de todas as formas, Dadolin Murak dialoga com Pelbar, o qual enfatiza a massificação social, descrita como "adestramento civilizatório" (Nietzsche) e "silenciamento do corpo" e "docilização" e acrescenta que: "o corpo não aguenta mais é a mutilação biopolítica, a intervenção biotecnológica, a modulação estética, a digitalização bioinformática, o entorpecimento". Este autor enfatiza "a mortificação sobrevivencialista, seja no estado de exceção, seja na banalidade cotidiana". (PELBART, 2016, p. 31). Portanto, à sociedade contemporânea, imersa em várias tecnologias, na competição capitalista e no comportamento narcisista, interessa a docilização humana e a mutilação silenciosa. Em tal panorama ocorre o esgotamento, caracterizado pela aderência do ser humano à paralização e à inanição, que o desata do mundo (PELBART, 2016, p. 50). Pelbart e Murak constataam fragilidades humanas.

3.1 Questionamento existencial sobre a chegada do vírus chinês: individualismo e solidariedade

Cidadão do mundo, preocupado com a eclosão da pandemia, Murak elaborou a *Carta ao Coronavírus*, escrita no dia 22 de março de 2020, no Ramelu Tutun, revelando sentimentos de "angústia e raiva, tristeza e lágrimas". O escritor esclarece que não se trata de uma "carta amigável". O vírus é comparado às "nuvens negras de tempestade" que impedem as pessoas de terem uma visão da lua e às "marés selvagens" que as dificultam de se chegar à segurança da praia, bem como são ameaças de quedas nos "abismos das profundezas" (MURAK, 2020, p. 5-6).

O autor utilizou metáforas apocalípticas de perdas da normalidade existencial, de uma natureza em fúria, ameaçadora e prenunciadora de acidentes e de mortes. No entanto, buscou um diálogo no plano mítico, com as estrelas, o sol e uma borboleta, a respeito daquele estranho vírus. À noite, ele sentou-se sozinho e olhou o céu:

[...] "o que sabeis sobre o corona?". Não sabendo o que responder, permaneceram caladas. No entanto, viram que ninguém se reunia sob as estrelas, que ninguém cantava ou conversava com os amigos como era costume e ficaram tristes. Até o kakuk que se empoleira nos galhos da samatuku tinha o ar sombrio (MURAK, 2020, p. 6).

Perplexas e emudecidas, as estrelas observaram mudanças sociais que refletiam confinamento por medo de contágio. Até mesmo o pássaro kakuk, que se abrigava no samatuku, demonstrava melancolia. Portanto, ao constatar que pessoas e aves expressavam angústia diante do desconhecido, o escritor recolheu-se, mas não conseguiu dormir. No alvorecer, ele aguardou o dissipar do nevoeiro e contemplou o nascer solar, buscando esclarecimento: "Sol, sussurrei eu, o que sabeis sobre este coronavírus? Podeis ajudar-nos neste momento?" O sol fez a sua silenciosa aparição no céu mas nada disse" (MURAK, 2020, p. 6). Uma resposta aguardada dos astros celestiais não foi possível de obter,

somente taciturnidade.

O questionamento sobre a origem e perigo do COVID-19 veio através de uma mensagem cifrada de uma borboleta que pousou em uma rosa: "Bateu as asas e olhou para mim como se dissesse: 'acalme-se, lembre-se que o mundo é belo, os ventos frios ainda sopram, as ondas continuarão a bater na praia e os galos continuarão a cantar pela madrugada'" O recado espiritual daquele inseto esvoaçante que refletia "uma oração à natureza" (MURAK, 2020, p. 6) causou um profundo sentimento de gratidão no escritor, por lhe revelar a beleza intacta do ciclo da natureza que ainda prevalecia.

A paz interior do escritor recuperada por causa da mensagem da borboleta, apesar da compreensão da continuidade daquelas vicissitudes causadas pelo vírus oriundo do Extremo-Oriente, o estimula a indagar diretamente o causador de tanto infortúnio na China, na Itália e em outros países: "Corona, estou a dizer-te isto para que tu possas saber o quão difícil tu estás a tornar as coisas para nós. Acredito que tu vês a miséria que causaste em todo o mundo com as pessoas a chorar os seus mortos". A chegada do agente viral causou finitude física, mas também econômica: "A própria estrutura das nossas sociedades foi abalada desde que chegaste e até mesmo a maquinaria do capitalismo. Os ricos que esconderam os seu bilhões perderam o sono enquanto veem as suas fortunas esvair-se a cada minuto" (MURAK, 2020, p. 6).

O medo do contágio do vírus, que motivou quarentena, internamento hospitalar e óbito, abalou as injustas engrenagens capitalistas, igualando ricos e pobres no sentimento de desgraça diante da morte, gerando um ensinamento à humanidade: "Talvez possa haver uma lição em alguns destes danos que causaste no mundo" (MURAK, 2020, p. 6).

O escritor questiona a gênese do vírus, o seu surgimento no século XXI e a sua mensagem: "Donde vieste? Porque apareciste agora? Estás a tentar dizer-nos alguma coisa?". Confessa:

Fico acordado durante a noite a pensar na destruição que estás a causar, nos idosos a ofegar

como se tu lhes pusesses um pé no peito, nas cidades vazias e nas pessoas assustadas. E penso: talvez tu sejas o castigo da natureza um modo dela nos dizer que fomos longe demais é verdade que quando os carros e os camiões pararem, os céus tornar-se-ão de novo limpos. E que quando as fábricas fecharem também, elas deixarão de lançar para o ar os vapores que estão a mudar o nosso clima (MURAK, 2020, p. 6-7).

As perguntas sobre o coronavírus, lançadas às estrelas, ao sol e à uma borboleta, foram respondidas ao escritor por ele mesmo que acredita que o surgimento do COVID-19 se deve ao desrespeito à natureza e que causaram a poluição do ar e do meio ambiente. O autor pondera que a calamidade viral foi um "castigo da natureza" que requer reparações humanas: "Talvez devêssemos pedir-te perdão pelos líderes políticos que nunca acreditaram nas alterações climáticas, ou, pior ainda, sabendo que isso estava a acontecer recusaram-se a agir com medo de perderem o seu status". Ciente das responsabilidades governamentais diante da degradação do planeta terra, ele tenta selar um acordo com o COVID-19 para mudar o *status quo* atual por causa da pandemia: "Pergunto-te pois que se é isso que querem pois talvez possamos chegar a um acordo: cessa o teu ataque e nós tentaremos reformar e para a destruição do nosso planeta. Talvez queiras ver as águas de novo cheias de vida, assim como as daqueles golfinhos que retornaram a Veneza. De acordo" (MURAK, 2020, p. 7).

Nessa carta, o escritor atua como representante das pessoas e reivindica seu papel para um tipo de pacto de salvaguarda da humanidade e da natureza, a ser firmado com o vírus, a fim de modificar radicalmente o trato com o meio ambiente.

Admite consolidar as bases do acordo, somente se a morte dos italianos acabar e pergunta: "Ou talvez tu queiras testar a solidariedade que os seres humanos têm uns para com os outros. Se nos deixares viver, talvez possamos ver o que podemos fazer". Ao falar de mostras de vínculos afetivos entre desconhecidos que se fazem evidentes em cânticos coletivos em varandas europeias ou no envio de médicos chineses e

cubanos para ajudarem os doentes, constata-se que: "Certamente que isto são sinais de que nem tudo está perdido" (MURAK, 2020, p. 7).

Se existe, durante a pandemia, mostras de solidariedade, individuais e coletivas, nacionais e internacionais, revela-se, infelizmente, uma outra faceta humana, a egoísta: "Talvez queiras enviar uma mensagem aos fascistas, cleptocratas e defensores da guerra no mundo? Isso é compreensível, mas se assim é tu não podias simplesmente acabar com Trump, Bolsonaro e outros que tais?" (MURAK, 2020, p. 7). Trata-se de um pedido de aniquilamento de presidentes militaristas: o dos Estados Unidos da América e o do Brasil, respectivamente.

O autor destaca a vulnerabilidade humana e a do egocentrismo, principalmente, em épocas de crise: "Corona, tu sabes como somos frágeis enquanto espécie, quão individualistas podemos ser e como somos propensos a fechar os olhos para os problemas dos outros em tempos difíceis". O interesse prevalece, em casos como aqueles de pessoas que: "correm para as lojas para comprar bens essenciais como se outras pessoas não precisassem deles, e outros ainda aproveitam o desespero geral e ficam contentes aumentando os preços de bens essenciais". Trata-se de uma acusação diante de barbaridades humanas na ocasião: aquisição desenfreada de mercadorias e preocupação com o aumento dos lucros.

No quesito personalismo, existe ainda pessoas que não aceitam o confinamento no seu bairro "sem protestar", revelando debilidade humana: "Somos fracos, mas, por favor, deixem-nos assim ser" (MURAK, 2020, p. 8).

O autor da missiva do Timor-Leste revela o conhecimento da ganância, da "ambição política" e da "tendência" humana em matar os semelhantes, bem como acredita que devido a isso, o COVID-19 e seus "desagradáveis amigos" começaram a atacar as pessoas. Revela ainda estar ciente de que as: "vidas estão cheias de 'falsa consciência', de nos envolvermos demasiado com os nossos próprios pensamentos, e, ao fazê-lo perdermos de vista o que importa: o nosso planeta". Com tal confissão sobre as responsabilidades huma-

nas sobre a degradação do meio ambiente, ele conclui: "Corremos pois o risco de nos tornarmos meros predadores uns dos outros e do mundo em que vivemos" (MURAK, 2020, p. 8).

3.1.1 Súplicas do Timor-Leste

Após indagar os elementos da natureza sobre o coronavírus, revelar a dupla faceta social – a do egoísmo e a da reciprocidade –, e fazer uma mea-culpa sobre os estragos causados no meio ambiente pelo estilo de vida econômica da sociedade industrializada, o escritor coloca sua fala a respeito da situação de sua pátria: "Corona! Tu apareceste entre nós, na nossa nação, a República Democrática de Timor-Leste, uma nação jovem, pobre e frágil. Sabes muito bem que desde a independência não conseguimos ainda construir um sistema de saúde eficaz embora muitos tenham morrido enquanto esperavam por um" (MURAK, 2020, p. 9).

Nesse momento, a carta atinge um tom acusatório contra os políticos locais que não proporcionaram a instalação de um sistema de saúde capaz de atender as demandas timorenses e, com isso, colocaram o país em uma situação de vulnerabilidade:

Deves saber que embora tenhamos riquezas, desperdiçamo-las em projetos de infraestruturas que não trazem benefícios diretos para o nosso povo. Sabe que embora tenhamos alcançado a nossa liberdade, os nossos líderes passaram muito tempo a discutir sobre o ego e o poder (MURAK, 2020, p. 9).

As críticas aos governantes, alienados das responsabilidades sociais, como a da criação de um eficiente projeto nacional de saneamento básico, entre outros estruturais para o bem-estar da população, prossegue, com a expressão de um rogo final: "E, sabendo disso, tu ainda desejas que também nós caiamos mortos como todas aquelas pessoas em Wuhan e Itália". A súplica visceral para que o vírus abandone o Timor-Leste continua: "Ah! por favor, Corona, nós imploramos-te pois já sofremos o suficiente" (MURAK, 2020, p. 9).

O escritor coloca-se novamente, como porta-voz social, expressando desejos para melhorias

no mundo pós-pandemia:

Queremos que os nossos céus estejam novamente livres de fumaça e poeiras urbanas, queremos reunirmo-nos em paz à luz das estrelas e da lua, queremos ver os golfinhos brincando nas águas límpidas do mar e pássaros selvagens saltando de galho em galho cantando as suas canções a uma nova vida. (MURAK, 2020, p. 9)

Ele elabora um panorama desejado para o futuro: céu e cidades despoluídas; retorno de confraternizações noturnas; golfinhos saltitantes no mar livre de impurezas e aves canoras celebrando um novo tempo.

Para finalizar a carta, que adquire tons sombrios, mas também coloridos, o autor regozija e promete: "Queremos redescobrir a nossa mútua solidariedade, queremos tornar-nos num lugar da própria vida. Estamos a tentar melhorar. Por favor, deixa-nos em paz. Adeus" (MURAK, 2020, p. 9).

Em relação à repercussão da escrita de Murak, elaborada em um momento de "ansiedade e confusão", Michael Rose na *Introdução da Carta ao Coronavírus* enfatiza que:

[...] a carta de Dadolin Murak tocou os muitos jovens seguidores do poeta e, até hoje, foi compartilhada mais de mil vezes. Embora valiosa como obra de literatura por si só, também pode ser de interesse para leitores estrangeiros, na medida em que fornece uma noção da tendência na vida intelectual timorense de perceber (e procurar resolver) questões sociais e ambientais como essencialmente vinculadas (ROSE, 2020, p. 1).

Considerações finais

O estudo "Reflexões filosóficas e literárias sobre a pandemia na *Carta ao Coronavírus* (22 de março de 2020) do timorense Dadolin Murak", evocou o brado de um cidadão do mundo, residente em uma ilha localizada no sudoeste da Ásia, que foi colônia portuguesa (1596-1975) e indonésia (1975-1999).

O timorense delineou a paisagem sociopolítica e sanitária da pandemia do COVID-19, que revelou, inicialmente, um estado de medo, pânico, desesperança, esgotamento (Pelbart) e melancolia (Agamben), bem como corpos afetados na esfera física, psíquica e espiritual. Dessa forma

estética, ele desmente Agamben, que negou a dimensão letal da pandemia (2020) e parece não ter se posicionado sobre o tema posteriormente.

A missiva de Murak, que procura entender a origem do COVID-19 e sua eclosão mundial, é um libelo acusatório contra os males advindos do sistema capitalista que provocou poluições do ar e do meio ambiente, bem como contra a alienação dos governantes timorenses que não buscaram a total eficácia na construção de um sistema de saúde pública, capaz de auxiliar na prevenção e no combate de doenças, como aquelas provocadas pelo coronavírus. O escritor desnudou, ainda, a faceta da individualização e do egoísmo da sociedade contemporânea timorense, que não apoia as medidas emergenciais adotadas pelas autoridades governamentais.

O timorense Dadolin Murak assume a postura do intelectual engajado, de acordo com Sartre, a de cidadão crítico diante da realidade histórica e social, abalada pelo COVID-19, que revelou correntes de solidariedade mundial.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Tradução de José Assmann. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2007.

COVID-19: Timor-Leste com cerca de 700 testes ainda disponíveis, mais a caminho. 14 abr. 2020. Disponível em: <https://www.saudemais.tv/noticia/13409-covid-19-timor-leste-com-cerca-de-700-testes-ainda-disponiveis-mais-a-caminho>. Acesso em: 12 maio 2022.

FRATESCHI, Yara. *Agamben sendo Agamben: o filósofo e a invenção da pandemia*. In: *Blog da Boi Tempo*. [S. l.], 12 maio. 2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/05/12/agamben-sendo-agamben-o-filosofo-e-a-invencao-da-pandemia>. Acesso em: 12 maio 2022.

GIORGIO Agamben. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 5 nov. 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Giorgio_Agamben. Acesso em: 12 maio 2022.

JORNALISTA do Timor-Leste é destaque na luta contra novo coronavírus. In: *ONU News*. [S. l.], 12 abr. 2020. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/04/1710082>. Acesso em: 12 maio 2022.

MURAK, Dadolin. *Carta ao Coronavírus*. [S. l.], 22 mar. 2020. Tradução do tétum por Joana Ruas. p. 5-9. Disponível em: <file:///E:/Dadolin.%20Carta%20ao%20Coronav%C3%ADrus.%20do%20poeta%20timorense%20Dadolin%20Murak.pdf>. Acesso em: 12 maio 2022.

PANDEMIA de Covid-19. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 11 dez. 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia_de_COVID-19. Acesso em: 12 maio 2022.

PELBART, Peter P. *O avesso do niilismo*: cartografias do esgotamento. São Paulo: n-1 edições, 2016.

PERES, Urania T. *Depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ROSE, Michael. *Carta ao Coronavírus* (Introdução). [S. l.], 15 abr. 2020. p. 1. Disponível em: <https://www.newmandala.org/letter-to-coronavirus/>. Acesso em: 12 maio 2022.

RUAS, Joana. *Carta ao Coronavírus, do poeta timorense Dadolin Murak*: Apresentação e tradução de "Karta ba Coronavírus". 2020. p. 1-5. Disponível em: <file:///E:/Dadolin.%20Carta%20ao%20Coronav%C3%ADrus.%20do%20poeta%20timorense%20Dadolin%20Murak.pdf>. Acesso em: 12 maio 2022.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

WEBSTER, David. Prefácio. In: MURAK, Dadolin. *Lilin Referendum*. 2019. Disponível em: <http://reconciliationtimor.ca/timor/referendum-candle>. Acesso em: 12 maio 2022.

Denise Rocha

Doutora em Literatura e Vida Social pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), em Assis, SP, Brasil; bacharel em História e Germanística na Ruprechts-Karl-Universität, em Heidelberg, Alemanha, onde obteve o título de *Magister Artium*; pós-doutorado na Universidade Estadual de Londrina (UEL) e na Universidade Federal do Ceará (UFC); licenciada em Letras pela UNESP e pedagogia pelo Centro Universitário Cidade Verde (UNIFCV).

Endereço para correspondência

Denise Rocha
Rua Smith de Vasconcelos, 260
Centro, 19814-010
Assis, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.